

# TRILHANDO NOVOS CAMINHOS “SECRETOS”: ESPIONAGEM, BUROCRACIA E CONFLITOS NA II GUERRA MUNDIAL

## TRACKING NEW “SECRET” PATHS: ESPIONAGE, BUREAUCRACY AND CONFLICT IN WORLD WAR II

Raquel Anne Lima de Assis<sup>1</sup>

**Resumo:** Partindo de um estudo sobre agências de inteligência e espionagem que atuaram durante a II Guerra Mundial, o objetivo deste texto é analisar como essas instituições se apresentavam em um cenário de desenvolvimento administrativo burocrático, assim como as relações departamentais que estavam envolvidas. Analisaremos dois órgãos: o britânico “*Special Operations Executive*” (SOE), surgido em 1940, e o norte-americano *Office of Strategic Services*, criado em 1941. Por meio de um estudo de fontes oficiais produzidas por essas agências, procuraremos entender a leitura que esses organismos faziam de suas atividades e a autoimagem que apresentavam em um contexto de institucionalização e profissionalização de suas atividades de inteligência na luta contra o Eixo.

**Palavras-chave:** II Guerra Mundial; Inteligência; Espionagem.

**Abstract:** Based on a study on intelligence and espionage agencies that operated during World War II, the objective of this text is to analyze how those institutions presented themselves in a scenario involving bureaucratic and administrative development, as well as the departmental relations that were involved. We will analyze two organs: the British “Special Operations Executive” (SOE), conceived in 1940, and the North American Office of Strategic Services, created in 1941. Through a study of official sources produced by these agencies, we will try to understand how these organs perceive their own activities and the self-image they presented in a context of institutionalization and professionalization of their intelligence activities in the fight against the Axis.

**Keywords:** World War II; Intelligence; Espionage.

### Introdução

Espionagem é um tema que costuma despertar o fascínio daqueles que acompanharam ações de agentes secretos nos filmes e na literatura. Quando pensamos contextos de conflito, como a II Guerra Mundial (1939-45), é quase inevitável nos questionarmos como as agências de inteligência empreendiam sua “guerra secreta”. Contudo, neste trabalho nosso objetivo não

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História Comparada pela UFRJ. Integrante do Grupo de Estudo do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq). Professora substituta da UFRRJ. Orientador: Dr. Dilton Cândido S. Maynard (UFS/DHI). E-mail: [raquel@getempo.org](mailto:raquel@getempo.org).

é pensar a ação em campo de agentes infiltrados em países inimigos. Nosso propósito é analisar as relações interdepartamentais dos serviços de espionagem britânico e norte-americano que atuaram na guerra contra o Eixo. Procuraremos entender como cada agência lia suas próprias ações, ou seja, como essas instituições se apresentavam e qual a percepção que tinham de sua importância. Partiremos de uma abordagem da própria *autoimagem* que elas tentavam apresentar sobre si.

Esta investigação será realizada por meio de análises de relatórios oficiais produzidos pelas agências e coletados nos Arquivos Nacionais de Londres e de Washington D.C. Para este estudo, utilizaremos como metodologia a História Comparada através das ideias de Marc Bloch de comparação entre sociedades análogas, próximas no tempo e no espaço, para que possamos identificar semelhanças e diferenças<sup>2</sup>. Lançaremos as mesmas problemáticas sobre a documentação norte-americana e britânica para identificarmos como alguns fenômenos não são isolados, apesar de suas especificidades conforme cada contexto.

### **Espionagem, burocracia e conflito**

No período em análise, três instituições voltadas para o serviço secreto ganharam destaque: as britânicas “*Secret Intelligence Service*” (SIS ou MI6), criada em 1909, e a “*Special Operations Executive*” (SOE), surgida em 1940, e a norte-americana *Office of Strategic Services*, nascida em 1941. A primeira tinha como principal função realizar Operações de Inteligência (coleta e análise de informações para uso estratégico das Forças Armadas), enquanto a segunda, Operações Especiais, ou seja, sabotagem e guerrilha atrás das linhas inimigas. Mas isso não impediu que o SOE empreendesse também inteligência. Essa divisão não eliminou o fato de que o SOE, por ter agentes em campo, era capaz de realizar também a coleta de informações. Por seu turno, a terceira, a norte-americana, uniu em um mesmo órgão essas duas funções.

O próprio SOE nasceu do SIS, que possuía um setor chamando *Section D*, responsável por ações de sabotagem e guerrilha. Mas, devido a algumas falhas deste setor, o governo britânico decidiu concentrar essas Operações Especiais em uma nova instituição, o SOE<sup>3</sup>. Essa agência estava encarregada de enviar agentes aos territórios ocupados pelo Eixo com o objetivo de organizar e treinar movimentos de resistência em ações subversivas. Ambos os

---

<sup>2</sup> BLOCH, Marc. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. **Marc Bloch: una historia viva**. Estudio preliminar y seleccion de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.

<sup>3</sup> O’CONNOR, Bernand. **Churchill’s School for Saboteurs Station 17: The secret life Brickendonbury Manor & the WW2 assassins & saboteurs who set occupied Europe alight**. UK: Amberley, 2014, p. 15-6.

órgãos trabalharam em conjunto, pois os agentes do SOE, ao coletarem informações, repassavam para o SIS, que era o responsável pelas redes de comunicação *wireless* (comunicação via rádio entre o teatro de operação e a sede da agência):

With all these agents S.O.E. endeavour to keep up regular wireless and other communication. It results from this that a great deal of information is sent back by these agents, all of which is transmitted through S.I.S. For some territories more information is actually received from S.O.E. than from S.I.S. agents, because they happen to be more numerous in that country.<sup>4</sup>

Entretanto, a coleta de informações precisava de sigilo e, para o SIS, ao empreender as ações subversivas, o SOE poderia gerar o aumento da segurança inimiga. Tal cenário gerou a insatisfação do SIS, que, na visão do SOE, passou a dificultar algumas de suas ações. Essas tensões não se apresentavam de forma tão evidente no caso do OSS, a terceira agência, pois ambas atividades estavam subordinadas a um chefe, William Donovan, que foi o responsável por criar a agência sob influência do modelo britânico, mas, como podemos observar, com suas especificidades.

O OSS surgiu diante da eminência da entrada dos EUA na guerra, pois o então presidente norte-americano, Franklin Roosevelt, percebeu que não conhecia seus potenciais inimigos, principalmente o Japão, que disputava com eles a hegemonia no Pacífico através de sua política expansionista e imperialista. Assim, Roosevelt autorizou Donovan a criar uma agência responsável pelo serviço de espionagem, pois até então as informações estavam fragmentadas entre diversos órgãos militares. Ou seja, era preciso coordenar, em uma única instituição, a coleta de informações para que pudessem analisá-las e interpretá-las dentro de um quadro mais complexo.

Foram recrutados diversos especialistas em variadas áreas para análises dessas informações, inicialmente chamados de “cem professores”, mas que com o decorrer da guerra aumentou seu número. Da mesma forma que agentes eram encarregados em empreender uma guerra clandestina por meio de sabotagem e guerrilha, nestas atividades eles eram capazes de ajudar as tropas convencionais não apenas em inteligência, como também em força tática através de operações subversivas de combate<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> “Com todos esses agentes da SOE se esforçando para manter regular wireless e outras comunicações. Isto resulta que uma grande quantidade de informações é enviada de volta por estes agentes, dos quais todos são transmitidos através do SIS. Para alguns territórios mais informações são na realidade recebidas mais do SOE que do SIS, porque acontece deles serem mais numerosos naquele país” (Tradução Nossa). *Ministry of Economic Warfare, Berkeley Square, W.1, 31st March, 1942*. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

<sup>5</sup> SACQUETY, Troy J. *The OSS in Burma: Jungle War against the Japanese*. University Press of Kansas, 2013. p. 01.

O processo de coleta de informações é um conjunto de atividades praticadas desde a antiguidade por chefes militares e políticos, mas que somente no início do século XX foram institucionalizadas. Assim, governantes e chefes militares passaram a utilizar órgãos especializados em atividades de inteligência para ajudá-los a formular suas políticas e suas estratégias militares. Essa institucionalização ganhou força com o eclodir da II Guerra Mundial, quando a inteligência se tornou o conhecimento organizado pelo Estado, sendo resultado da coleta, da análise e da avaliação de informações sobre países inimigos, potenciais inimigos e aliados, seja na guerra ou na paz, que se encontram em segredo e que são interpretadas com o auxílio de dados abertos.

Assim, trata-se de um processo de invadir o sistema de segurança da informação do alvo (a contrainteligência), reconhecer e selecionar os dados úteis para a defesa. Essas informações serão analisadas pela instituição responsável por todo o processo desde a coleta até o repasse das suas avaliações para os formadores de políticas que podem ou não as adotar em suas decisões. Portanto, a inteligência é produto do trabalho institucional e coordenado voltado para a segurança e defesa do Estado ao estimar o comportamento do alvo analisado e seus pontos fortes e fracos. Da mesma forma, é capaz de provocar certas atividades do alvo por meio da desinformação e ações encobertas.

Partimos da perspectiva de Michael Herman de encarar o serviço de inteligência como um sistema e um conjunto de processos. Trata-se de encarar esses organismos como equipes de profissionais cuja matéria-prima de suas atividades são as informações “sobre forças próprias e estrangeiras, topografia, ferrovias e outros fatores relevantes para a batalha”<sup>6</sup>. A partir desses dados, os agentes podem produzir “relatórios regulares, informações organizadas e comunicações efetivas”<sup>7</sup>, que poderão ser utilizadas pelos tomadores de decisões políticas e militares ao elaborarem suas estratégias, planejamentos e políticas nacionais.

Esse processo de coleta de informações não ocorre *per se*, mas através de um método científico. São utilizadas metodologias de observação, identificação, coleta e assimilação de dados possivelmente relevantes a serem apresentados aos consumidores de informações. Esses são os responsáveis pelas tomadas de decisões, que podem ou não as basear conforme as análises oferecidas pelos órgãos de inteligência que chegam às suas conclusões a partir das informações coletadas.

---

<sup>6</sup> HERMAN, Michael. *Intelligence Power in Peace and War*. Cambridge: Cambridge University, 1996. p. 16

<sup>7</sup> Idem.

Os tipos de dados são diversos, principalmente após a I Guerra Mundial que mostrou ao mundo os efeitos da guerra total, gerando, assim, uma inteligência total<sup>8</sup>. Portanto, surgiu a necessidade não somente de inteligência militar, ou seja, capacidade, força e estratégias militares, mas também sobre a capacidade industrial, moral da população, demografia, regimes de governo, etc. Esses dados passaram a ser analisados de forma integrada, principalmente a partir da II Guerra Mundial. Portanto, “análises militares, navais, aéreas, políticas e econômicas poderiam ser integradas ao que agora pode ser chamado de ‘avaliação nacional’ ou ver o inimigo como um todo”<sup>9</sup>. Temos, assim, o nascimento da forma sistemática de encarar os Serviços de Inteligência.

Neste trabalho observaremos que, mesmo tentando aplicar essa forma sistematizada, a racionalidade de uma dada instituição pode ser questionada. Neste caso, analisaremos o SOE e o OSS. Mesmo quando analisamos órgãos voltados para segurança e defesa de um Estado e que utilizam de métodos de pesquisas como são as agências de espionagem, essa limitação pode ser observada na própria documentação oficial produzida por estes organismos. Entendemos que esses documentos foram redigidos por funcionários que estavam imersos em um contexto de guerra. Eram indivíduos com diferentes opiniões, paixões e interesses que visualizavam seu local de trabalho das mais variadas formas.

Portanto, este tipo de fonte nos abre espaço para novos questionamentos além da preocupação de pensar somente a estratégia de vencer a guerra. Ou seja, podemos estudar as relações interdepartamentais e intradepartamentais e os indivíduos por trás do funcionamento dessas relações. Conflitos internos perpassavam o cotidiano dos sujeitos em uma busca de alcançar seus interesses e de suas respectivas instituições. Desta forma, surgem alguns questionamentos: não encontramos na documentação oficial uma tentativa de justificar as ações de sua agência? Quais imagens eles pretendiam oferecer sobre o SOE e OSS? Como os próprios órgãos se viam no contexto da guerra? Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar a *autoimagem* que cada um destes serviços de espionagem apresentavam sobre si.

É com essa ideia em mente que temos como propósito entender o que esses funcionários do SOE e do OSS queriam que os outros pensassem sobre a instituição que trabalhavam. Em outras palavras, quais imagens eles pretendiam apresentar sobre os órgãos, apesar de não obterem sempre os resultados previstos, pois veremos como tensões entre variadas instituições comprovam como o SOE e o OSS eram vistos de maneiras diferentes por todo o aparato do Estado, opondo-se, em alguns casos, às imagens apresentadas pelos próprios

---

<sup>8</sup> Ibidem, p. 25.

<sup>9</sup> Idem.

organismos. Assim, procuraremos compreender a leitura que as próprias agências faziam de si ou que, pelo menos, tentavam produzir.

No relatório “*SOE Organisation: Relations between S.O.E & ‘C’*”, o principal tema tratado são os conflitos internos entre o SIS e SOE e possíveis soluções para o problema. Como muitos documentos foram redigidos por funcionários do SOE, temos aqui a perspectiva de que eles tinham da instituição; portanto, podemos analisar a leitura que a organização fazia sobre ela mesma e sobre a outra, o SIS. É possível entender a *autoimagem* que o SOE tentava apresentar, assim como a imagem do outro.

Com o objetivo de encontrar as causas para os conflitos entre ambas as agências, inicialmente foi atribuído a problemas estruturais de todo o sistema para possivelmente não comprometer ambas as instituições: “*To my mind it is not that any one individual is to blame; it is that the system needs some adjustment to meet the present circumstances*”<sup>10</sup>. Esta era a visão de um funcionário indicado pelo Primeiro-Ministro Winston Churchill e encarregado de investigar as razões para tais tensões, que escreveu para o Ministério da Economia de Guerra, órgão responsável pelo SOE. Teria a agência a mesma visão? Que papel ela lhe atribuía?

Ele tenta insinuar a importância do SOE ao afirmar que 300 homens eram treinados e enviados para os teatros de operações e como era importante que trabalhassem em conjunto com o SIS:

For some months past we have had three agents working in Madagascar with whom continuous wireless communication has been maintained, whereas I am informed that S.I.S have no agent there. In consequence, the Services are getting all their information in regard to Madagascar from S.O.E. There is, therefore, an inevitable overlap between S.O.E. and S.I.S. which means that the two Services must work in harmony.<sup>11</sup>

Parte do funcionamento de uma agência de espionagem está na sua capacidade de infiltrar agente em campo. O seu alvo é o estrangeiro; logo, parte dos dados, sejam ostensivos ou clandestinos, são coletados através destes espiões. Conforme Michael Herman, “a inteligência é sobre ‘eles’, não ‘nós’; não é autoconhecimento. Nisso, é diferente dos outros especialistas em informação dos governos em assuntos internos, como serviços de

<sup>10</sup> “Para minha mente isto não é culpa de um indivíduo, isso é o sistema necessitando de alguns ajustes para encontrar a presente circunstâncias” (Tradução Nossa). *Ministry of Economic Warfare*, Berkeley Square, W.1, 31st March, 1942. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

<sup>11</sup> “Por alguns meses atrás nós tínhamos três agentes trabalhando em Madagascar com contínua comunicação wireless sendo mantida enquanto que eu fui informado que o SIS tinha nenhum agente lá. Em consequência, o Serviço estava obtendo todas suas informações que dizem respeito a Madagascar do SOE. Havia, portanto, uma inevitável sobreposição entre SOE e SIS que significa que os dois Serviços deveriam trabalhar em harmonia” (Tradução Nossa). Idem.

estatística”<sup>12</sup>. Portanto, observamos como esse funcionário procura ressaltar a capacidade do SOE em articular redes de agentes no exterior. Como somente a informação não revela o conhecimento estratégico necessário, é preciso interpretá-lo, percebemos nesta passagem uma defesa de coordenação de trabalho com o SIS.

Em contraposição, temos uma minuta redigida pelo próprio SOE para o Ministro descrevendo seus problemas com o SIS. Inicialmente foi relatado o nascimento do SOE que se originou da *Section D* sob o controle do “senhor Dalton”, Ministro da Economia de Guerra. A organização estaria dividida entre duas funções: S.O.1, para realizar propaganda subversiva, e S.O.2, responsável por todas outras atividades subversivas, como sabotagem e guerrilha. Ainda conforme a documentação, foi desenvolvida uma relação próxima com diversos departamentos do governo, principalmente o “C” (SIS).

O texto informava ainda que o “Relatório de Progresso Interno”, contendo os detalhes das atividades do SOE, era apresentado ao SIS de forma a mostra-lhe que “*the two organisations should work in the closest possible co-operation*”<sup>13</sup>. Essas afirmações nos fazem pensar se esses funcionários do SOE não tinham a intenção de se apresentarem como cooperativos e abertos a um trabalho de equipe em nome de um interesse maior do Estado britânico.

O trabalho em equipe é essencial para agências de inteligência. Esses órgãos não trabalham somente com suas fontes coletadas. Por isso, é preciso compará-las e complementá-las com todos os dados disponíveis para melhor analisar a conjuntura estudada. Portanto, instituições voltadas para avaliação de informações necessitam manter certo trânsito com outros departamentos para que tenham acesso aos seus dados e sejam capazes de melhor substanciar sua inteligência ou previsão do comportamento do seu alvo<sup>14</sup>. Sendo assim, verificamos como o SOE pretendia se apresentar com tais características.

É colocada também a dependência que o SOE tinha do SIS em relação às linhas de transmissão *wireless* e que reivindicavam o direito de organizar suas próprias linhas de comunicação. Na sua visão, o SOE seria capaz de administrar corretamente tais comunicações, não colocaria em perigo a segurança do “C” e melhoraria as relações entre ambos por não precisar incomodar “*[...] with minor grievances based on complaints that our own interests*

<sup>12</sup> HERMAN, Michael. *Intelligence Power in Peace and War*. Cambridge: Cambridge University, 1996. p. 40-41.

<sup>13</sup> “As duas organizações deveriam trabalhar o mais próximo de cooperação” (Tradução Nossa). *Minute*, 27th March, 1942. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

<sup>14</sup> HERMAN, Op. Cit., p. 41-42.

*were being subordinated to his*”<sup>15</sup>. Isso demonstra como o SOE tentava apresentar uma imagem de que era um órgão responsável e autônomo, não precisando ficar sob a tutela do SIS.

Essa impressão também aparecia em relação às suas finanças. A agência procurou deixar claro que, apesar de seus recursos financeiros serem providenciados pelo Tesouro do Escritório das Relações Exteriores através do “C”, estes dois departamentos não possuíam controle sobre seus gastos<sup>16</sup>. Segundo Max Weber, em administração burocrática uma economia monetária é necessária para garantir o pagamento dos funcionários e a manutenção da estrutura burocrática. O capital em dinheiro é necessário também para outras despesas, como segurança e pagamento de dívidas. As finanças são organizadas em um orçamento sistemático em que há uma estimativa fixa da renda e das despesas<sup>17</sup>.

Adotar um sistema de recompensas aos funcionários enfraquece os mecanismos burocráticos e a subordinação hierárquica, elementos essenciais no funcionalismo moderno. Por isso, o sistema de pagamento ocorre através da burocracia assalariada. Por meio do salário, é possível manter uma mecanização rigorosa do aparato burocrático, por não tornar a carreira do funcionário dependente do acaso e de medidas arbitrárias. A partir desse processo é alcançada uma mecanização rígida através da disciplina e do controle rigoroso, o que mantém a manutenção da estrutura burocrática é a sua economia monetária. Portanto, “um sistema estável de tributação é a precondição para a existência permanente da administração burocrática”<sup>18</sup>. A base segura para o sistema de tributação é essencial para a existência permanente da administração pública. Essa era a imagem que SOE tentava apresentar sobre suas finanças.

Tal imagem apresentada pelo SOE nos faz questionar por que o órgão tinha essa preocupação de demonstrar não ser subordinado aos outros. Tal reflexão nos faz pensar como o serviço secreto britânico e os departamentos do governo britânico não mantinham uma coesão entre si, não sendo homogêneos, mesmo em contexto de guerra em que a Inglaterra tinha um principal objetivo e inimigo: vencer a guerra contra os alemães.

Rebatendo claramente a ideia de que seriam “amadores” por empreenderem atividades subversivas, o SOE afirmou que:

---

<sup>15</sup> “(...) com menores queixas baseadas em preocupações de nosso próprio interesse sendo subordinadas para ele” (Tradução Nossa). Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

<sup>16</sup> Idem.

<sup>17</sup> WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1982, p. 238-243.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 243.



It was never true that those responsible for S.O.E. were complete amateurs in secret service work. C.D. himself worked for the S.I.S. in Switzerland from the beginning of the war until July 1940. Colonel Taylor worked in the original Section IX of the S.I.S. from May 1939 until S.O.E. was formed. Brigadier Gubbins had had long periods of service both in the Military Intelligence and in the special ‘sabotage’ section known as ‘M.I.R.’, and Colonel Davies too, had served in M.I.R. I myself could not be said to be entirely ignorant of the S.I.S. machine having been in almost daily contact with it for two and a half years before joining Mr. Dalton. At a later date we were joined by Air Commodore Boyle who was Director of Intelligence at the Air Ministry, and who has a very wide and indeed professional knowledge of secret intelligence work. Several other members of the organizations also served in the past as members of the S.I.S.<sup>19</sup>

Assim, o SOE tenta demonstrar que, além de não ser uma instituição formada por amadores no jogo do serviço secreto, não colocaria em perigo o trabalho do SIS, afirmando, inclusive, que, ao contrário do SIS, eles estariam abertos ao diálogo para apresentar suas atividades, seus treinamentos, suas instalações, as posições de seus agentes e suas informações pelo bem geral da nação. Portanto, estaria o SOE tentando provar como era útil para o esforço militar britânico na II Guerra Mundial? Chegaram também a declarar que o SIS estava atrapalhando o serviço secreto por se manter em “um profundo mistério de Mestre Espião”, em uma áurea “romântica”. Ou seja, mantinham seus segredos guardados até mesmo dos departamentos aliados, como o próprio SOE.

Estaria o SOE tentando evitar uma comparação com o que ocorreu na França? Os franceses foram derrotados pelas forças alemãs em 1940, quando tiveram o Norte do seu território ocupado e o Sul controlado pelo governo de Vichy. O país era governado por Philippe Pétain, mas em colaboração com o regime nazista. O historiador Marc Bloch, em 1940, testemunhou essa derrota e escreveu a *Estranha Derrota* analisando as causas para a vitória alemã. Dentre os motivos elencados, estava o fato de que o “metrônomo dos estados-maiores nunca deixou de bater vários tempos com atraso”<sup>20</sup>. Ou seja, enquanto os nazistas empreendiam uma guerra de velocidade, os franceses ainda lutavam no ritmo da I Guerra Mundial, uma guerra mais lenta.

<sup>19</sup> “Nunca foi verdade que aquelas responsabilidades pelo SOE eram completa amadoras em trabalho de serviço secreto. O próprio C.D. trabalhou para o S.I.S. na Suécia do início da guerra até julho de 1940. O Coronel Taylor trabalhou na original Section IX do S.I.S. de maio de 1939 até o SOE ser formado. Brigadeiro Gubbins tem tido um longo período de serviços na Inteligência Militar na seção especial de “sabotagem” conhecida como “M.I.R.”. Eu mesmo não poderia dizer ser totalmente ignorante da máquina do S.I.S. tendo estado em contato quase diariamente com eles por dois anos e meio antes de me juntar ao senhor Dalton. Numa data posterior nos juntamos ao Comodoro aéreo que foi Diretor de Inteligência no Ministério da Aeronáutica, e tem um amplo e profundo conhecimento profissional de trabalho de inteligência secreta. Muitos outros membros da organização também serviram no passado como membros do SIS” (Tradução Nossa). *Minute, 27th March, 1942*. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

<sup>20</sup> BLOCH, Marc. *A estranha derrota*. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 47.

Da mesma forma, Bloch alertava sobre o deficiente sistema de informação francês. Seus chefes militares não conheciam de maneira satisfatória as intenções dos alemães e sua capacidade material<sup>21</sup>. Essa deficiência na inteligência francesa dificultou perceber como seus exércitos eram lentos demais comparados aos inimigos e aceitar que estes poderiam ser muito mais rápidos. Assim, Bloch ainda afirma que “ao longo de toda a campanha, os alemães mantiveram o desagradável costume de aparecer exatamente onde não poderiam estar”<sup>22</sup>. Ou seja, não havia coleta de informações sobre o inimigo, tampouco análise, avaliação e distribuição desses dados aos setores governamentais e militares.

Uma das consequências foi que ataques em locais que os franceses não esperavam afetavam a moral, mesmo que essas ofensivas tivessem uma potência menor. Se esperavam o ataque, mesmo que mais forte, estavam mais preparados. Para Bloch, “nossos soldados foram vencidos: em certa medida, eles se deixaram vencer com muita facilidade sobretudo porque nós pensávamos com atraso”<sup>23</sup>. Muito menos estavam preparados para a forma como eram atacados, por não possuírem informações analisadas e avaliadas.

Outro aspecto presente na derrota da França e que o SOE queria evitar na sua imagem era a falta de cooperação. Bloch destacou como uma aliança se constitui de um processo contínuo entre as diversas facetas das relações humanas, não somente presente no papel<sup>24</sup>. Brigas entre grupos militares dificultaram as tomadas de decisões. Portanto, percebemos que erros cometidos pela França eram os mesmos que o SOE queria evitar em relação a sua imagem. A história é mudança, mesmo que algo permaneça. Os eventos não são absolutamente iguais, pois não ocorrem nas mesmas circunstâncias; o passado não é o presente nem o futuro. Contudo, certos elementos são duráveis ao longo de tempo e podem se articular através de diversas combinações possíveis, o que permite certas repetições de eventos e processos históricos.

Como afirma Bloch, a história é “uma autêntica ciência de experiência”<sup>25</sup>. Em outras palavras, ao estudarmos certas realidades, podemos identificar elementos que, combinados de dadas maneiras, podem gerar repetições ou transformações. Segundo Eric Hobsbawm, não há um retorno ou uma ressurreição do passado porque as circunstâncias já são diferentes; logo, não será igual ao que já foi no passado. Mesmo quando se tenha uma chave do fenômeno e tenta-se prever o futuro devido às generalizações que a história faz, como o marxismo, por

---

<sup>21</sup> Ibidem, p. 48.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 50.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 51.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 79.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 111.

exemplo, isso se faz com suas dessemelhanças. Em outras palavras, com a comparação podemos encontrar condições gerais que possibilitam prever o futuro dentro de um limite de opções variadas prováveis ou possibilidades, mas que não se trata de clarividência, isto é, não é uma previsão precisa, pelo fato de estar sujeita às diversas circunstâncias transformadoras, imprevisíveis e específicas de cada contexto<sup>26</sup>.

Essas explicações nos ajudam a entender como o caso francês não é exatamente igual ao britânico, mas certos elementos permaneceram. Ou seja, os britânicos tentaram se livrar dos erros que os franceses cometeram. Partiram de elementos duráveis, mas que se articulam através de variadas combinações. Desta forma, o SOE tinha uma leitura de que eles eram úteis, responsáveis e abertos para trabalho em conjunto, ao contrário do SIS.

Contudo, tal colaboração é colocada sob certo limite, pois a agência era contra uma união com o SIS sob uma única chefia ou ministério. Afirmava que suas ações operacionais eram diferentes; logo, a união de ambos prevaleceria um único interesse enquanto o outro seria negligenciado<sup>27</sup>. Percebemos, mais uma vez, a tentativa do SOE em demonstrar ser um órgão com funções próprias e autônomo. Para o SOE, os críticos deveriam reconhecer que *“The important part which S.O.E. has to play in the scheme of things, and are prepared to regard it as an equal partner and not as a sort of erring son”*<sup>28</sup>.

Ao mesmo tempo em que esboçava sua *autoimagem*, o SOE buscou representar a imagem do outro (o SIS): *“Generally speaking I have not the slightest hesitation in stating quite categorically that the general key word from top to bottom in the S.I.S. organization has been to delay rather than expedite the natural expansion of S.O.E”*<sup>29</sup>. A própria instituição reconhecia que havia um choque de interesse entre ambos devido à forma de atuação, pois o SOE levava problemas a locais onde o SIS precisava de calma para coletar informações<sup>30</sup>.

Contudo, a leitura que faziam do SIS era de hostilidade: *“Their attitude appears to be that we are dangerous rivals and that if we are not squashed quickly we shall squash them”*<sup>31</sup>.

<sup>26</sup> HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 48.

<sup>27</sup> Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

<sup>28</sup> “A importante parte que o SOE tem tocado no esquema das coisas, e estão preparados para considerá-lo como um parceiro igual e não como um tipo de filho errado” (Tradução Nossa). Idem.

<sup>29</sup> “De modo geral eu não tenho a menor hesitação em afirmar categoricamente que a palavra-chave geral de cima para baixo na organização do SIS tem sido atrasar em vez de acelerar a expansão natural de S.O.E” (Tradução Nossa). *S.O.E.’s Relationship with S.I.S.* In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> “Sua atitude parece ser o que somos rivais perigosos e se não somos esmagados rapidamente nós devemos eventualmente esmagá-los” (Tradução Nossa). Idem.

Conforme essa leitura, a visão do SIS sobre o SOE como inimigos seria fruto da eficiência que essa instituição atingiu. Portanto, o SOE estaria tentando apresentar que o SIS teria inveja do trabalho do SOE. Não nos interessa neste trabalho se isso é verídico ou não, mas como o SOE tentava apresentar sua imagem e a do outro na organização política e institucional britânica. Assim, tentava defender como seu trabalho era prejudicado pela atitude do “C”, inclusive nas relações exteriores com os Aliados<sup>32</sup>.

Na intenção de comprovar seu ponto de vista, o SOE anexou alguns exemplos de falta de colaboração do SIS, segundo sua perspectiva. Um desses casos foi o que ocorreu com o movimento de resistência “França Livre”, em que eles estavam mantendo contato e realizando treinamentos. Esse grupo teria enviado relatórios com planos de sabotagem, diretivas e propostas militares para representantes do SOE, mas, ao chegar a Barcelona, seu despacho teria sido retido pelo SIS. Essa acusação se baseia pelo contato que um agente do SIS estaria mantendo com resistentes locais em suas viagens entre Lisboa e França<sup>33</sup>. Ainda conforme o relato, “C” teria negado o ocorrido.

Temos aí uma outra *autoimagem* projetada pelo SOE em relação ao Serviço de Inteligência, mesmo esta não sendo sua principal função. Ou seja, sua prioridade era a de coletar informações e empreender sabotagem e guerrilha, enquanto o SIS surgiu para coletar, analisar e avaliar informações. Primeiramente, foi destacado como as informações coletadas por seus agentes SOE em campo eram repassadas ao SIS, por ser o órgão responsável pelo processamento desses dados para os devidos departamentos britânicos. Contudo, havia uma reclamação de que esse método estaria atrasando seu trabalho, pois precisavam esperar o despacho do SIS para poder entrar em contato com os devidos órgãos que se interessavam pelas informações coletadas<sup>34</sup>.

Esse contato com os devidos órgãos é um estágio essencial no serviço de inteligência. A informação avaliada torna-se um produto que deve ser disponibilizado àqueles responsáveis por tomarem decisões de estratégia nacional ou de combate. Portanto, se a agência não repassa sua inteligência aos “destinatários” ou “consumidores” no tempo correto, seu trabalho torna-se inútil<sup>35</sup>. Esse estágio do processo é que o SOE afirmava ser prejudicado pelo SIS em mais uma tentativa de apresentar sua autoimagem de efetividade.

Desta forma, o SOE defendia que eles eram, assim como os demais, um departamento do governo e deveriam receber do SIS inteligência para que pudessem cumprir adequadamente

---

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> *S.O.E.'s Relationship with S.I.S. France*. Op. Cit.

<sup>34</sup> *S.O.E.'s Relationship with S.I.S. Intelligence*. Op. Cit..

<sup>35</sup> HERMAN, Michael. *Intelligence Power in Peace and War*. Cambridge: Cambridge University, 1996. p. 45.

suas funções, ou seja, as informações analisadas e avaliadas. Além disso, como a Seção de Inteligência estaria “[...] *taking real shape under the guidance of Air Commodore Boyle – for many years Director of Intelligence at the Air Ministry*”. O SOE defendia que a troca de inteligência entre ambas as instituições deveria se basear através de uma boa relação<sup>36</sup>.

A crítica que o SOE fazia em relação ao SIS era a falta de compreensão deste sobre importância que aquele poderia oferecer ao Serviço de Inteligência. Sendo assim, eles acusam o SIS de deixá-los à parte da inteligência recebida e processada por não entenderem que: “[...] *generally speaking I am confident that our organisation is on such a basis now that the circulation to Senior Officers of the most highly secret intelligence would quite definitely be properly dealt with*”<sup>37</sup>.

Portanto, o SOE defendia, mais uma vez, como seu trabalho era responsável, eficiente e que necessitava de maior independência em relação ao SIS para analisar as informações e repassar para outros departamentos do governo suas avaliações que pudessem ajudá-los a tomar decisões. Tentativas de mostrar essa autonomia foi também mencionada em relação às mensagens decifradas que recebiam do SIS, chegando, em média, a cinco dias e, em alguns, casos até vinte dias. Segundo o SOE, quando em abril de 1941 foi estabelecido seu próprio *Cipher Department* (Departamento de Cifras), passaram a decodificar três vezes mais mensagens e com um tempo médio de algumas horas<sup>38</sup>.

Apresentar a imagem como uma agência voltada para a comunicação rápida está atrelado a outro aspecto defendido por Max Weber na constituição da burocratização: a velocidade. A superioridade técnica da burocratização é o que permite a progressão de sua organização. Há uma interdependência entre os diversos setores e as atividades dos seus funcionários. Por isso, é importante um sistema de comunicação efetivo e veloz, que seja capaz de gerar uma rápida reação administrativa diante de diversas situações. Para Weber, “o ótimo desse tempo de reação só é alcançado normalmente através de uma rigorosa organização burocrática”<sup>39</sup>.

Diante do que foi descrito e nesta tentativa de responder qual leitura o SOE fazia sobre si, chegamos a algumas análises. Percebemos, a partir da documentação, como a agência tentava se apresentar como um setor fundamental para o esforço de guerra da Inglaterra. Por

<sup>36</sup> “Tomando forma real sob orientação do Air Commodore Boyle – por muitos anos Diretor de Inteligência do Air Ministry” (Tradução Nossa). *S.O.E.’s Relationship with S.I.S. Intelligence*. Op. Cit.

<sup>37</sup> “Falando de modo geral eu estou confiante que nossa organização está em tal base agora que a circulação para os oficiais superiores da inteligência mais secretos seria definitivamente tratada adequadamente” (Tradução Nossa). Idem.

<sup>38</sup> *S.O.E.’s Relationship with S.I.S. Communication*. Op. Cit.

<sup>39</sup> WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1982, p. 250.

ter nascido do SIS, o SOE tentava se livrar de sua tutela, apresentando-se como uma instituição autônoma e responsável, capaz de gerar suas ações subversivas. Ao mesmo tempo, se colocava aberto ao diálogo com outros departamentos, que, para o SOE, não era feito por falta de cooperação desses outros setores.

Essa ideia de *autoimagem* seria a “preocupação das pessoas perceberem o quanto estamos em conformidade com o padrão idealizado de comportamento daquele meio”<sup>40</sup>. Esse é um conceito que extraímos das análises de Norbert Elias ao estudar os padrões de comportamento considerados aceitáveis no contexto que os indivíduos estão inseridos<sup>41</sup>. Portanto, como civilizados, procuramos projetar nossa imagem para que os demais, que fazem parte do nosso ciclo de sociabilidade, não sintam um estranhamento em relação ao nosso comportamento.

Para Elias, aqueles que não se encaixam no modelo aceitável criam um certo estranhamento ou desconforto<sup>42</sup>. Sendo assim, percebemos como o SOE tinha a preocupação de se apresentar como uma instituição séria e nas palavras de uns de seus líderes, Lord Selborne, “[...] *very fine results have been accomplished by the personnel of the S.O.E., who include in their number men of high distinction in business, the Law and the Services*”<sup>43</sup>. Não estamos preocupados com esses resultados, mas, sim, com a inserção desse discurso em um contexto de institucionalização de diversos órgãos voltados para a guerra em um processo que se iniciou entre o final do século XIX e início XX, intensificando-se com as duas Guerras Mundiais.

Conforme analisa David Stevenson, as guerras pela unificação alemã de 1866 e 1870 contribuíram para a construção do modelo de planejamento estratégico institucionalizado. Ainda segundo o autor, esses conflitos levaram ao aprimoramento da tecnologia militar e à preparação superior do Estado-Maior prussiano. Isso levou as forças militares a tornar-se maiores e mais complexas, ocasionando seu controle e coordenação de tarefas ainda mais

---

<sup>40</sup> ASSIS, Raquel Anne Lima de. **Inteligência, Sabotagem, Resistência: História Comparada dos Serviços de Espionagem Norte-americano e Britânico na Segunda Guerra Mundial (1939-1945)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. p. 86.

<sup>41</sup> ELIAS, Norbert. *A Civilização como Transformação do Comportamento Humano*. In: ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994. p 65-108.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> “Muito bons resultados tem sido alcançados pelo pessoal do SOE que inclui o número de seus homens de alta distinção em negócios, nas leis e serviços” (Tradução Nossa). SELBORNE, *War Cabinet. SPECIAL OPERATIONS EXECUTIVE*. Note by Secretary of the War Cabinet, April, 22, 1942. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

desafiadores<sup>44</sup>. Conseqüentemente, outras potências passaram a imitar o modelo prussiano, o que gerou a formação de um corpo de elite de oficiais selecionados para lidar com essa complexidade e um contexto de competição entre elas.

Comparando tal análise com as ideias de Max Weber, observamos como este defende que a criação da organização burocrática foi influenciado principalmente pela criação de exércitos permanentes. Foi um processo em paralelo com o desenvolvimento de finanças públicas para atender a formação militar. Ainda conforme Weber, “no Estado moderno, a crescente exigência à administração baseia-se na crescente complexidade da civilização e no impulso no sentido da burocratização”<sup>45</sup>.

Procurando uma definição para instituições, Douglass North afirma que:

Instituições são as restrições humanamente concebidas que estruturam a interação política, econômica e social. Elas consistem em restrições informais (sanções, tabus, costumes, tradições e códigos de conduta) e regras formais (constituições, leis, direitos de propriedade). Ao longo da história, instituições foram criadas por seres humanos para criar ordem e reduzir a incerteza em troca. (Tradução Nossa).<sup>46</sup>

Esses órgãos procuram a eficácia para tentar chegar uma solução corporativa que pudesse manter a organização da estrutura política, econômica e social. Através da eficiência, seriam capazes de lidar com competições no cenário internacional e suas demandas internas. Ainda conforme North, “a matriz institucional consiste em uma rede interdependente de instituições e conseqüentes organizações políticas e econômicas que são caracterizadas por retornos crescentes em massa”<sup>47</sup>. Portanto, os departamentos do Estado existem devido às oportunidades que surgem no arcabouço institucional.

Assim, percebemos como as instituições governamentais passam a se profissionalizar com o objetivo lidar com o planejamento estratégico de maneira racionalizada. Zygmunt Bauman, ao analisar o Holocausto como fruto da modernização, mostra-nos como essa sociedade era pautada principalmente em uma estrutura burocratizada, racionalizada, planejada, cientificamente fundamentada e especializada<sup>48</sup>. Logo, o objetivo é encontrar um resultado coordenado e executado. Claro que o SOE não nasceu com o propósito genocida, mas o que pretendemos destacar é como esta agência nasceu nesse contexto de modernidade.

<sup>44</sup> STEVENSON, David. **1914-1918: a história da Primeira Guerra Mundial: A Deflagração**. Baueri, SP: Novo Século Editora, 2016. p. 14.

<sup>45</sup> WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1982, p. 247.

<sup>46</sup> NORTH, Douglass C. Institutions. In: **The Journal of Economic Perspectives**, Vol. 5, No. 1. (Winter, 1991), p. 97.

<sup>47</sup> Ibidem, p. 109.

<sup>48</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 120.

Portanto, seu objetivo era o de se apresentar com estas características para tentar comprovar sua efetividade:

1. D is a separate, secret organisation, forming part of a larger organisation under the control of Mr. Dalton. The function of this organisation is the promotion of subversion. **For general purposes of administration and discipline**, therefore, the D organisation come under Mr. Dalton and not under the control of Foreign Secretary, is the collection, collation and distribution of secret information and intelligence.
2. At the same time D is intimately associated with C, both on historical and on **practical** grounds, and if he is to **function efficiently**, it must be with the friendly co-operation of C. There are three respect in which the interests of C and D may clash and the following measures have been agreed on the order to preserve harmony. (Grifo Nosso).<sup>49</sup>

Michael Herman afirma que esses organismos de informação adquiriram aspectos de grandes burocracias weberianas<sup>50</sup>. Em outras palavras, são minissociedades que produzem seu próprio modelo de cultura e subcultura. Neste caso, temos uma “cultura organizacional da inteligência”. Assim, ainda conforme Herman, essas instituições constroem suas próprias formas de se apresentarem ao mundo, isto é, autoimagem<sup>51</sup>.

Segundo Max Weber, a burocracia é fruto do Estado moderno. Uma das características que define uma organização burocrática é o estabelecimento de normas fixas e reguladoras. Essas regras gerais são aprendidas e desenvolvidas por um quadro de funcionários que realizam um treinamento técnico e especializado conforme suas repartições. Ou seja, suas funções para o funcionamento da administração são divididas por setores, tendo como base documentos e arquivos referentes às suas atividades e normas. A divisão se dá por meio de uma hierarquia na qual um posto é subordinado ao outro. Esse serviço público é separado da vida privada do funcionário<sup>52</sup>.

Ainda conforme Weber, a ocupação do funcionário é uma profissão que requer treinamento especializado, capacidade de trabalho e exames admissionais. Suas relações de trabalho não são pessoais, mas, sim, por meio da lealdade com fins impessoais e funcionais.

---

<sup>49</sup> “1. D é uma organização separada e secreta, formando parte de uma larga organização sob controle do Sr. Dalton. A função desta organização é promover subversão. **Por propósitos gerais de administração e disciplina**, portanto, a organização D veio sob Sr. Dalton e não sob a *Foreign Secretary*. A função de C, que opera sob o controle da *Foreign Secretary*, é a coleta, verificação e distribuição de informação secreta e inteligência. 2. Ao mesmo tempo D é intimamente associado com C, em campo histórico e **prático**, e se ele está **funcionando efetivamente**, deve ser com a cooperação amigável de C. Existem três aspectos nos quais os interesses de C e D podem colidir e as seguintes medidas foram acordadas na ordem para preservar a harmonia” (Tradução Nossa, Grifo Nosso). *Extract from Paper entitled “Subversion”, printed for the Foreign Office, October, 1940*. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

<sup>50</sup> HERMAN, Michael. *Intelligence Power in Peace and War*. Cambridge: Cambridge University, 1996. p. 324.

<sup>51</sup> *Ibidem*, p. 327.

<sup>52</sup> WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1982, p. 229-232.



Portanto, o funcionário não é um servo pessoal do governante. Outro aspecto é o seu caráter fechado de corporação devido às especificidades que exigem o cargo<sup>53</sup>. Cada funcionário faz parte de uma rede integrada de funcionários, que, através de suas tarefas, colocam o sistema em movimento.

Tal era a autoimagem de efetividade que os funcionários do SOE tentavam apresentar, mas que também revela outro aspecto: as tensões internas que marcaram o Estado britânico. O SOE estava inserido em um cenário de busca por interesses próprios em conjunto com a preocupação de vencer a guerra. Ou seja, a agência tinha como principal função ajudar a derrotar o Eixo, mas isso não nos leva a uma ideia automática de que havia coesão entre as instituições, pois políticas internas e relações de poder entre si se faziam também presentes.

Sendo assim, cooperação e conflitos eram comportamentos que marcaram o cotidiano destas instituições:

Here and there difficulties have since been resolved by agreement between the two organisations. In Denmark for example, S.O.E. collects intelligence for S.I.S.: in North Africa, S.O.E. activity has been of a preparatory nature and problems have consequently not arisen (...); in the West Africa. Although there has been considerable friction for a long period, a compromise has now been reached, by which S.O.E. is assisting in the collection of intelligence on behalf of S.I.S., but this is only a compromise and is not entirely satisfactory.<sup>54</sup>

São conflitos internos que estavam inseridos dentro de um contexto maior, de modo que muitas vezes seus sujeitos não conseguem compreender esse todo de uma maneira precisa. As instituições procuraram uma racionalidade, objetividade e efetividade, mas eram formadas por indivíduos que possuíam também desejos e interesses próprios, ou seja, tinham uma racionalidade limitada. Em outras palavras, a ideia de Max Weber de que “a burocracia tem um caráter ‘racional’: regras, meios, fins e objetivos dominam sua posição” não é absoluta e total<sup>55</sup>. Por isso, “[...] *the clash of interests cannot in most cases be resolved by agreement between the two organisations, since they are not in a position to assess the relative*

<sup>53</sup> Ibidem, p. 232-238.

<sup>54</sup> “Às vezes dificuldades tem desde então sido resolvidas por acordos entre as duas organizações. Na Dinamarca, por exemplo, SOE coleta inteligência para o SIS; no Norte da África, atividades do SOE tem sido de natureza preparatória e problemas, conseqüentemente, não surgiram (...) na África Ocidental, embora tenha ocorrido consideráveis fricções por um longo período, um compromisso tem sido agora alcançado, pelo qual SOE está ajudando na coleta de inteligência em nome do SIS, mas isto é somente um compromisso e não inteiramente satisfatório” (Tradução Nossa). *War Cabinet. Joint Planning Staff. SOE e SIS Co-ordination. Report by the Joint Planning Staff*. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

<sup>55</sup> WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1982, p. 282.

*importance of their respective activities in each case*”<sup>56</sup>. Contudo, isso não exclui o fato de serem órgãos que estavam se profissionalizando.

Outro exemplo de conflitos internos é como alguns funcionários no Gabinete da Sala de Guerra não concordavam com as perspectivas do SOE em uma crítica ao relatório da instituição:

Paragraph 3: The reason for the ‘D’ Section becoming suspect with the Foreign Office was not because it expanded rapidly or because it cut across the activities of S.I.S., and it is not true that the Foreign Office hedged Section ‘D’ with restrictions; that would indeed have been both a difficult and a desirable achievement.

Paragraph 4: The examples are ill-chosen. S.O.E. are no longer acting as agents for S.I.S in West Africa. S.O.E. have not been quiescent in North Africa and problems have arisen there.

Paragraph 5: It is not true that S.O.E. and S.I.S. are divorced from each other and from the Services Ministers. The present system does provide for a liaison and co-ordination.<sup>57</sup>

Não pretendemos defender qual visão estava correta. Nosso objetivo é compreender como o SOE estava passando por uma institucionalização, profissionalização e burocratização. Entretanto, não foi um processo completamente racionalizado, devido ao choque de interesses entre diversos órgãos do governo que buscavam contribuir para vencer o conflito (mas não só), porém com uso de estratégias diferentes, o que ocasionava tensões. Assim, o SOE estava inserido em uma teia-aranha que compõe o Sistema de Defesa, mas este não funcionava de maneira completamente racionalizada e nem com objetivos específicos claros: “*S.O.E. has had some difficulty in fitting in with order Departments, and no doubt mistakes have been made on both sides, but S.O.E. must and will play for the team*”<sup>58</sup>.

Corroborando com essa estrutura, Sherman Kent defende que:

a produção de informações torna-se um esforço de grupo e não um trabalho individual, que deve haver uma complicada e cuidadosa divisão de trabalho, decorrendo disso problemas e pessoal, organização, administração e relações

<sup>56</sup> “O choque de interesse na maioria dos casos não pode ser resolvido por acordo entre as duas organizações, desde que eles não estão em posição para avaliar a importância relativa de suas respectivas atividades em cada caso” (Tradução Nossa). Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

<sup>57</sup> “Parágrafo 3: A razão para a *Section ‘D’* se tornar suspeita ao *Foreign Office* não foi porque se expandiu rapidamente ou porque corta as atividades do SIS, e não é verdade que o *Foreign Office* ajudou a *Section ‘D’* com restrições; isso de fato tem sido difícil e indesejável realização. Parágrafo 4: Os exemplos são mal escolhidos. S.O.E. já não atua como agentes para S.I.S. na África Ocidental. SOE não tem estado tranquilo no Norte da África e problemas tem surgido. Parágrafo 5: Não é verdade que o SOE e o SIS estão divorciados um do outro e do Ministro de Serviço. O atual sistema fornece ligação e coordenação” (Tradução Nossa). *Detailed destructive criticism of the Joint Planners’ Report*. In: Op. Cit.

<sup>58</sup> “SOE tem tido algumas dificuldades na montagem com outros Departamentos, e sem dúvidas enganos tem sido feito de ambos os lados, mas SOE deve e irá jogar pela equipe” (Tradução Nossa). SELBORNE, *War Cabinet. SPECIAL OPERATIONS EXECUTIVE*. Note by Secretary of the War Cabinet, April, 22, 1942. In: Op. Cit.

humanas peculiares à natureza do trabalho, de características completamente diversas de todas as pesquisas da verdade feita na vida comum.<sup>59</sup>

Essa teia-aranha da burocratização pode ser encontrada também no OSS. Essa agência nasceu com propósitos semelhantes: empreender propaganda, coleta e análise de informações e operações de sabotagem e guerrilha. A diferença em relação aos britânicos foi a união, em um único órgão, das atividades de Inteligência e Operações Especiais. Portanto, divergências ficaram menos aparentes no cotidiano da instituição, mas não nos levam a afirmar que elas não existiam.

O ponto de comparação que pretendemos estabelecer com o SOE foi a necessidade de ambos os órgãos se apresentarem como um serviço institucionalizado, profissionalizado e racionalizado. Tais aspectos podem ser destacados no *War Report of the OSS (Office of Strategic Services)*<sup>60</sup>, produzido em 1947 pelo seu sucessor *Strategic Services Unit (SSU)* e publicado em 1976.

Como o relatório foi compilado por documentos do próprio o OSS, teve o aval do seu idealizador e chefe William Donovan e foi organizado por Kermit Roosevelt, um ex-agente OSS, encararemos essa publicação também como fruto da perspectiva desta agência. Arelados a isso estariam também os interesses do pós-guerra na própria seleção do que deveria entrar ou não no relatório. Assim, surge uma problemática: seria tal documento uma tentativa de apresentar o OSS como uma agência eficiente e justificar o uso de atividades semelhantes no contexto do pós-guerra?

A historiografia nos mostra como a CIA (Agência Central de Inteligência), sucessora do SSU e conseqüentemente do OSS, empreendeu atividades semelhantes ao longo da Guerra Fria. Um exemplo foi na Guatemala, em 1954, que marcou o início das operações organizadas pela CIA para derrubar um governo estrangeiro. Por meio de uma Operação Secreta, a agência isolou diplomaticamente a Guatemala; angariou o apoio de empresas norte-americanas para fomentar uma crise econômica; organizou e equipou uma força invasora de exilados localizados em Honduras e utilizou de técnicas de psicologia social, por meio do cinema e rádio, para convencer a população contra o governo local através da tática de desinformação<sup>61</sup>. Esta última e o treinamento de forças paramilitares foram estratégias semelhantes às aplicadas pelo OSS contra o Eixo durante a II Guerra Mundial.

<sup>59</sup> KENT, Sherman. **Informações estratégicas**. Trad.: Cel. Hélio Freire. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora, 1967, p. 08.

<sup>60</sup> HISTORY PROJECT, STRATEGIC SERVICES UNIT, OFFICE OF THE ASSISTANT SECRETARY OF WAR, WAR DEPARTMENT, WASHINGTON, D.C. **War Report of the OSS (Office of Strategic Services)**. Vol. 1. New York: Walker Publishing Company, 1976.

<sup>61</sup> GRANDIN, Greg. **A Revolução Guatemalteca**. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 15-57.

O uso de táticas semelhantes nos faz questionar o início do processo de institucionalização da inteligência norte-americana e se esta era a *autoimagem* do OSS. O próprio Donovan, ao final da guerra, defendia a extinção da agência, mas também a manutenção de suas funções em inteligência para o período do pós-guerra. Ou seja, vislumbrava a formação de uma instituição oriunda do OSS voltada para a inteligência em tempos de paz. Em suas próprias palavras: “Não é fácil estabelecer um sistema de inteligência moderno. É mais difícil fazê-lo em tempos de paz do que em tempos de guerra”<sup>62</sup>. Isso nos faz pensar que a preocupação de se apresentar como um órgão eficiente já se mantinha desde sua criação para ser utilizado além da guerra.

Esse questionamento pode ser verificado inicialmente na própria organização do relatório, cujo primeiro volume foi dedicado à própria configuração administrativa do OSS. Entre 11 de julho de 1941 e 13 de junho de 1942, primeiro ano de atuação, o OSS possuía cinco principais setores: 1) Escritório de Coordenação; 2) Serviço de Informação Estrangeira; 3) Setor de Pesquisa e Análise; 4) Atividades Especiais; e 5) Serviços. Dentro destes, havia subdivisões que formavam teias da burocracia conforme os dados do *War Report of the OSS*<sup>63</sup>.

Não pretendemos explicar cada um desses setores e o funcionamento do OSS. Nosso objetivo é discutir como, desde seu nascimento, o OSS se apresentou como uma agência complexa. Percebemos que, já a partir do seu primeiro ano de funcionamento, o órgão formou uma rede de setores coordenados para empreender suas atividades de inteligência e operações especiais. Portanto, assim como o SOE, o OSS teve a preocupação de se apresentar como uma instituição baseada na burocracia, na racionalidade e na profissionalização para buscar uma maior efetividade. Com o passar dos anos, mais setores foram surgindo e, conseqüentemente, mais ramificações.

Portanto, percebemos, através da comparação, como o serviço de inteligência Aliado estava alinhado à preocupação em formar instituições voltadas para o planejamento estratégico institucionalizado de seus respectivos Estados. Ou seja, procuravam se apresentar como órgãos que compunham a teia-aranha da Política de Defesa Aliada. Contudo, assim como o SOE, havia uma racionalidade limitada também em torno do OSS por compreender o todo a partir de seu ponto de vista.

---

<sup>62</sup> ROOSEVELT, Kermit. *Introduction*. Op. Cit., p. 11.

<sup>63</sup> HISTORY PROJECT, STRATEGIC SERVICES UNIT, OFFICE OF THE ASSISTANT SECRETARY OF WAR, WAR DEPARTMENT, WASHINGTON, D.C. **War Report of the OSS (Office of Strategic Services)**. Vol. 1. New York: Walker Publishing Company, 1976.

Conflitos entre a agência e setores militares marcaram o surgimento do OSS. Eleony Moorhead nos mostra como esses agentes precisaram conquistar prestígio junto às Forças Armadas, que mantiveram uma certa desconfiança com o novo órgão de comando civil<sup>64</sup>. Assim, percebemos que tanto na Inglaterra como nos EUA, ao se pensar um Sistema de Defesa, mesmo em contexto de guerra, não significa que todos os departamentos estejam funcionando de forma completamente harmonizada.

Segundo Gunther Rudzit e Otto Nogami, esse Sistema de Defesa é constituído por uma Política de Defesa que procura articular os objetivos selecionados pelos órgãos políticos do Estado com os meios militares. Assim, são pensadas estratégias que possibilitem essas articulações através de um planejamento realizado pelos órgãos voltados para a defesa de modo a priorizar as necessidades dos Estados, selecionadas pelas instituições políticas. Ainda conforme os autores, tal estratégia deve “articular claramente as escolhas sobre onde colocar ênfase, e onde e como assumir (ou administrar) os riscos, pois não há planejamento que consiga eliminar todos”<sup>65</sup>.

Desta forma, verificamos que é nessa necessidade de escolher onde colocar ênfase e como administrar os riscos que as instituições entram em conflito entre si. Ou seja, cada órgão pode enxergar o cenário através de sua perspectiva; conseqüentemente, as formas de articulações entre interesses do Estado e os meios de defesa podem entrar em conflito. Outro exemplo é que o OSS também teve problemas com o FBI, ganhando, inclusive, o desprezo do seu diretor, J. Edgar Hoover<sup>66</sup>. Vale lembrar que esta era a agência responsável pela contrainteligência, ou seja, a segurança da inteligência dentro dos EUA (de modo a impedir que suas informações secretas fossem coletadas por outros países) e atividades na América Latina. Esta região também foi palco de disputa com o *Office for Inter-American Affairs* (OCIAA), agência criada e chefiada por Nelson Rockefeller para empreender a Política da Boa Vizinha em torno dos países latino-americanos.

O objetivo desta política era o de empreender uma hegemonia cultural e econômica, por meio da cooperação com a América Latina. Assim, os EUA pretendiam minar a influência do Eixo sobre estes países. Um dos mecanismos utilizados para angariar o apoio

---

<sup>64</sup> MOORHEAD, Eleony. The OSS and Operation TORCH: The Beginning of the Beginning. In: **Tempus: The Harvard College History Review**, Vol. X, Issue 1, Summer 2009. p. 3.

<sup>65</sup> RUDZIT, Gunther; NOGAMI, Otto. Segurança e Defesa nacional: conceitos básicos para uma análise. In: **Revista Brasileira de Política Internacional**. 53 (1): 5-24, 2010. p. 13.

<sup>66</sup> ASSIS, Raquel Anne Lima de. **Inteligência, Sabotagem, Resistência: História Comparada dos Serviços de Espionagem Norte-americano e Britânico na Segunda Guerra Mundial (1939-1945)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. p. 50.

dos latino-americanos se deu através do rádio com objetivos propagandísticos. Contudo, este era alvo de interesse tanto de Rockefeller, como também de Donovan<sup>67</sup>.

Ao criar o OSS, Franklin Roosevelt emitiu uma carta afirmando que essa agência o ajudaria na obtenção e análise de informações para a segurança nacional, mas não deveria tentar se sobrepor as atividades de outros departamentos. Da mesma forma, deveria agir de maneira coordenada com os demais órgãos:

I should like to emphasize the Colonel Donovan's work is not intended to supersede or duplicate or involve any direction of the activities of established agencies already obtaining and interpreting defense information. As Coordinator, Colonel is authorized to obtain such defense information from the various departments and agencies and from the other sources as may be necessary in the performance of his duties. He will digest this data, place it in relationship to other information which may be available, and in turn present the results to me and to the agencies concerned for such coordinated action as may be desirable.<sup>68</sup>

Na prática, essa coordenação possuía certos limites e um exemplo disso foi o próprio choque com o OCIAA. Segundo Pedro Tota, a agência de Rockefeller ganhava cada vez mais influência, e suas divisões de Imprensa e de Rádio obtinha espaço de destaque na América Latina. Ainda conforme o autor, “para Donovan, isso era propaganda, e propaganda era sua área de atuação, e não de Nelson Rockefeller”<sup>69</sup>. O OSS, ainda no seu primeiro ano, tinha como objetivo detectar a espionagem alemã no Brasil, como também organizar um sistema de propaganda que pudesse fazer frente à radiodifusão nazista no território<sup>70</sup>.

Contudo, para Rockefeller, as ações do OSS eram agressivas e não possuíam a sutileza necessária para “seduzir” os latino-americanos. O OSS procurava entender o Brasil para mantê-lo aliado aos EUA através de uma perspectiva militar, cogitando a possibilidade de invasão através do Sul do país. Essa estratégia militar foi de encontro à ideia do OCIAA<sup>71</sup>. Ou seja, o plano do serviço de espionagem de Donovan não estava em acordo e coordenado com a Política da Boa Vizinhança, o que demonstra que a harmonização da burocracia encontrava certos limites.

<sup>67</sup> TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo sedutor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 85.

<sup>68</sup> “Eu gostaria de enfatizar que o trabalho do Coronel Donovan não se destina a substituir ou duplicar ou envolver qualquer direção das atividades de agências estabelecidas já obtendo e interpretando informações de defesa. Como coordenador, o Coronel Donovan está autorizado obter tais informações de defesa de vários departamentos e agências e outras fontes como deve ser necessário na preformasse de seus deveres. Ele digerirá esses dados e os relacionará com outras informações que possam estar disponíveis, e por sua vez, apresentar o resultado para mim e para as agências interessadas por tais ações coordenadas como deve ser desejável” (Tradução Nossa). *Letter from President Franklin Roosevelt to Secretary of War Henry Stimson*, The White House, Washington, July 14, 1941. In: Series: General Records, 1919 – 1978. Record Group 407: **Records of the Adjutant General's Office**, 1905 – 1981. ARC Identifier:16437322.

<sup>69</sup> TOTA. Op. Cit. p. 86.

<sup>70</sup> Idem.

<sup>71</sup> Ibidem, p. 87.

Iniciou-se, assim, uma disputa entre ambos pela radiodifusão. Nesse cenário, Rockefeller possuía maior influência, tendo como um dos seus aliados J. Edgar Hoover. Finalmente, o presidente Roosevelt decidiu retirar o OSS da América Latina e focar suas atividades na Europa, na África e no Extremo Oriente. Portanto, assim como o SOE, percebemos como o OSS também lidava com conflitos em seu cotidiano. Através da comparação percebemos como este não era um fenômeno isolado, ou seja, não se tratava de uma particularidade de um Estado.

A racionalidade limitada que pode ser encontrada em dois cenários diferentes nos faz verificar como as análises de Política de Defesa precisam identificar os comportamentos humanos por trás de cada instituição que se apresenta como racionalmente coordenada. Joseph Nye nos mostra como a abordagem psicológica nos ajuda a entender o “complexo contexto de elaboração de decisão por indivíduos em largas organizações”<sup>72</sup>.

Ao analisar o OSS e o SOE, percebemos o que Peter Burke nos fala sobre os problemas do funcionalismo. As instituições não são capazes de manter, de maneira totalizante, um equilíbrio social e político à medida que conduzem suas funções. Em outras palavras, encontramos um problema oriundo da ideia de consenso social, “um consenso implicado toda vez que se afirma que a função de determinada prática ou instituição é manter o sistema social”<sup>73</sup>.

Ainda conforme Burke, o conceito de “função” permanece como uma ferramenta para os historiadores e teóricos, desde que tenhamos cuidado ao fazer seu uso. Não podemos negligenciar os contextos de conflitos e transformações. Da mesma forma, não precisamos atribuir somente uma função positiva as instituições e que seu papel seja imprescindível para o funcionamento de determinado contexto<sup>74</sup>. Burke afirma que instituições diferentes podem atuar como equivalentes, análogas ou alternativas funcionais<sup>75</sup>; logo, acreditamos que neste choque de funções possam surgir os conflitos.

Portanto, esses serviços secretos precisaram apresentar uma *autoimagem* conforme as necessidades do período, isto é, atendendo ao processo de institucionalização, mas não necessariamente sem excluir seus interesses políticos e estratégicos nessa conjuntura. Em outras palavras, coordenação, para propósitos burocráticos voltados para a guerra, e conflitos,

---

<sup>72</sup> NYE, Joseph S.; Lynn-Jones, Sean M. International security studies. In: **International Security**, v. 12, n. 4, 1988, p. 17.

<sup>73</sup> BURKE, Peter. História e teoria social. 3ªed. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 194.

<sup>74</sup> Idem, p. 199-200.

<sup>75</sup> Idem.

pela busca de vantagens frente a outras ramificações do governo, marcaram o nascimento da inteligência britânica e da norte-americana.

### Os caminhos descobertos

Com o que foi discutido neste trabalho, podemos chegar a duas conclusões. A primeira é a de que tanto o SOE como o OSS procuravam apresentar uma *autoimagem* em conformidade com as necessidades do período. Este foi marcado pelo uso do planejamento estratégico institucionalizado; logo, Estados procuravam organizar seus departamentos de maneira coordenada para tentar chegar a uma melhor efetividade estratégica. Assim, o SOE e o OSS, instituições recém-criadas, buscaram se apresentar de tal forma como mecanismos institucionalizados, profissionalizados, racionalizados e burocratizados.

Essa *autoimagem* nos leva à segunda conclusão. A preocupação de se apresentarem como instituições eficientes, conforme o modelo da teia-aranha da burocracia, estava atrelada às tensões com outros departamentos do governo em seu cotidiano. Não estamos negando que o OSS e o SOE funcionavam de tal maneira, mas que, diante de conflitos com outros órgãos do governo, essas agências tentavam comprovar como suas atividades poderiam ser úteis para a Política de Defesa Aliada.

Assim, percebemos que essa busca por uma racionalidade burocrática e coordenada da teia-aranha encontra um certo limite. Instituições são formadas por indivíduos com diferentes perspectivas sobre o todo. Logo, não havia uma harmonia completa entre os departamentos de Estado, pois cada um buscava, para além de vencer o conflito, interesses próprios ou ainda por acharem que suas atividades eram mais eficientes comparadas com outros órgãos. Portanto, a *autoimagem* apresentada pelo SOE e pelo OSS era tanto uma forma de se inserir no planejamento geral, quanto um meio para fazer frente as outras instituições.

### Referências

#### Fontes

*Detailed destructive criticism of the Joint Planners' Report*. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

*Extract from Paper entitled "Subversion", printed for the Foreign Office, October, 1940*. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.



HISTORY PROJECT, STRATEGIC SERVICES UNIT, OFFICE OF THE ASSISTANT SECRETARY OF WAR, WAR DEPARTMENT, WASHINGTON, D.C. **War Report of the OSS (Office of Strategic Services)**. Vol. 1. New York: Walker Publishing Company, 1976.

*Letter from President Franklin Roosevelt to Secretary of War Henry Stimson*, The White House, Washington, July 14, 1941. In: Series: General Records, 1919 – 1978. Record Group 407: **Records of the Adjutant General's Office**, 1905 – 1981. ARC Identifier:16437322.

*Ministry of Economic Warfare, Berkeley Square, W.1, 31st March, 1942*. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

*Minute, 27th March, 1942*. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

ROOSEVELT, Kermit. Introduction. In: HISTORY PROJECT, STRATEGIC SERVICES UNIT, OFFICE OF THE ASSISTANT SECRETARY OF WAR, **WAR DEPARTMENT, WASHINGTON, D.C. War Report of the OSS (Office of Strategic Services)**. Vol. 1. New York: Walker Publishing Company, 1976.

*S.O.E.'s Relationship with S.I.S. Communication*. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

*S.O.E.'s Relationship with S.I.S. France*. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

*S.O.E.'s Relationship with S.I.S.* In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

*S.O.E.'s Relationship with S.I.S. Intelligence*. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

SELBORNE, *War Cabinet. SPECIAL OPERATIONS EXECUTIVE*. Note by Secretary of the War Cabinet, April, 22, 1942. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

*War Cabinet. Joint Planning Staff. SOE e SIS Co-ordination. Report by the Joint Planning Staff*. In: Reference: FO 1093/155. Former reference in its original department: O III/1(b). Subject: **Special Operations Executive (SOE) organisation: relations between SOE and the Secret Intelligence Service (SIS)**. Date: 1940 Jul 19 - 1942 Nov 14.

### *Bibliografia*

- ASSIS, Raquel Anne Lima de. **Inteligência, Sabotagem, Resistência: História Comparada dos Serviços de Espionagem Norte-americano e Britânico na Segunda Guerra Mundial (1939-1945)**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.
- BLOCH, Marc. Por una historia comparada de las sociedades europeas. In: GODOY, Gigi; HOURCADE, Eduardo. **Marc Bloch: una historia viva**. Estudio preliminar y seleccion de textos. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.
- BLOCH, Marc. **A estranha derrota**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BURKE, Peter. História e teoria social. 3ªed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- CARR, Edward. **O que é história?** Trad. de Lúcia Maurício de Alverga, revisão técnica de Maria Yedda Linhares, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª ed. 1982.
- ELIAS, Nobert. A Civilização como Transformação do Comportamento Humano. In: ELIAS, Nobert. **O processo civilizador: uma historia dos costumes**. v.1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.1994.
- GRANDIN, Greg. **A Revolução Guatemalteca**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- HERMAN, Michael. **Intelligence Power in Peace and War**. Cambridge: Cambridge University, 1996.
- HOBBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- KENT, Sherman. **Informações estratégicas**. Trad.: Cel. Hélio Freire. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército – Editora, 1967.
- MOORHEAD, Eleony. The OSS and Operation TORCH: The Beginning of the Beginning. In: **Tempus: The Harvard College History Review**, Vol. X, Issue 1, Summer 2009.
- NORTH, Douglass C. Institutions. In: **The Journal of Economic Perspectives**, Vol. 5, No. 1. (Winter, 1991).
- NYE, Joseph S.; Lynn-Jones, Sean M. International security studies. In: **International Security**, v. 12, n. 4, 1988.
- O'CONNOR, Bernand. **Churchill's School for Saboteurs Station 17: The secret life Brickendonbury Manor & the WW2 assassins & saboteurs who set occupied Europe alight**. UK: Amberley, 2014.
- RUDZIT, Gunther; NOGAMI, Otto. Segurança e Defesa nacional: conceitos básicos para uma análise. In: **Revista Brasileira de Política internacional**. 53 (1): 5-24, 2010.
- SACQUETY, Troy J. *The OSS in Burma: Jungle War against the Japanese*. University Pressa of Kansas, 2013.
- STEVENSON, David. **1914-1918: a história da Primeira Guerra Mundial: A Deflagração**. Baueri, SP: Novo Século Editora, 2016.
- TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo sedutor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 1982.